

INSTITUTO FEDERAL DA PARAÍBA  
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS A DISTÂNCIA

CÍCERA GALDINO DOURADO

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM SALA DE AULA: DA INTENÇÃO LÚDICA AO USO  
REAL DA LÍNGUA

BONITO DE SANTA FÉ

2021

CÍCERA GALDINO DOURADO

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM SALA DE AULA: DA INTENÇÃO LÚDICA AO USO  
REAL DA LÍNGUA

Artigo apresentado como requisito parcial para a  
conclusão do Curso de Licenciatura em Letras a  
Distância.

Orientadora: Profa. Ma. Rosa Lúcia Vieira Souza

BONITO DE SANTA FÉ

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Biblioteca Nilo Peçanha do IFPB, *campus* João Pessoa

D739v Dourado, Cícera Galdino.

Varição linguística em sala de aula : Da intenção lúdica ao uso real da língua / Cícera Galdino Dourado. – 2021.

31 f. : il.

TCC (Graduação – Licenciatura em Letras a Distância) – Instituto Federal de Educação da Paraíba / Coordenação do Curso de Letras a Distância, 2021.

Orientação : Prof<sup>a</sup> Ma. Rosa Lúcia Vieira Souza.

1. Linguística. 2. Variação linguística regional. 3. Sociolinguística. 4. Uso real da língua. 5. Estudo crítico reflexivo. I. Título.

CDU 81'42(043)

FOLHA DE APROVAÇÃO

CÍCERA GALDINO DOURADO

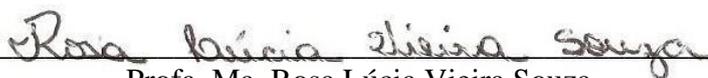
VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM SALA DE AULA: DA INTENÇÃO LÚDICA AO USO  
REAL DA LÍNGUA

Artigo apresentado como requisito parcial para a  
conclusão do Curso de Licenciatura em Letras a  
Distância.

Orientadora: Profa. Ma. Rosa Lúcia Vieira Souza

Aprovada em 24 de setembro de 2021.

**BANCA EXAMINADORA**

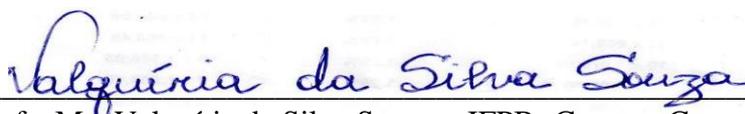


Profa. Ma. Rosa Lúcia Vieira Souza

Presidente



Profa. Dra. Gertrudes Hellena Cavalcante de Araújo – IFPB – Campus Itabaiana  
Examinadora



Profa. Ma. Valquíria da Silva Souza – IFPB- Campus Campina Grande  
Examinadora

*Dedico este trabalho a Deus, que é meu suporte diário e a meus pais que são minha maior riqueza.*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, que é meu tudo nesta vida, agradeço a minha querida Santa Rita de Cássia, São José, Santo Expedito e Nossa Senhora das Graças, que sempre foram meu auxílio nas aflições.

Agradeço aos meus pais Deta e Antônio, que sempre estiveram ao meu lado me incentivando e mostrando os caminhos corretos a serem seguidos.

Agradeço também ao meu esposo Ivan, que é meu companheiro das lutas diárias e que por inúmeras vezes arcou sozinho com as responsabilidades da nossa casa a fim de ajudar-me nas tarefas diárias.

Quero citar meus oito irmãos (Aparecida, João, Márcio, Juliana, Joelson, Juliete, Ana Maria e Wellington) como pessoas que sempre rezaram por mim, pelos meus sonhos e sempre pediram a Deus para me iluminar.

Agradeço ao meu cunhado e irmão do coração Marcelo, que inúmeras vezes me acompanhou nas viagens até o Polo de Sousa e que durante esses percursos enfrentamos sol, chuva e perigos nas estradas.

Não posso deixar de fora amigos importantes que a vida me proporcionou desde o início do curso de Letras, como Ana Maria Maracajá a quem carinhosamente tenho como “Aninha”, as minhas amigas do coração que sempre me incentivaram muito a investir no curso, Berlânia e Joana, e também os amigos que o IFPB colocou ao longo da minha caminhada: Natália, Gisele, Robson, e entre outros. Não posso deixar de falar do nosso querido IFPB, que fez com que meu sonho de estudar Letras – Língua portuguesa - se tornasse realidade e que possibilitou encontrar ao longo desses oito semestres professores e servidores de uma competência e coração enorme e que ajudaram a abrir meus caminhos na vida acadêmica.

Em especial agradeço aos professores Neilson, Moacir, Gerthudes, Mônica, Analice, Otoniel e Rosa Lúcia.

À minha orientadora Rosa Lúcia, agradeço pela paciência, dedicação, compromisso e cuidado que sempre teve com a orientação a qual direcionou a mim.

“Em seu coração o homem planeja o seu caminho, mas o Senhor é quem determina os seus  
passos.

(Bíblia Sagrada: Provérbios 16:9)

## **RESUMO**

O presente artigo, intitulado *Variação Linguística Em Sala De Aula: Da Intenção Lúdica Ao Uso Real Da Língua*, tem por objetivo geral propor um estudo crítico-reflexivo sobre variedade linguística regional por meio de uma proposta de Sequência Didática que aborde a língua em uso real. E, como objetivos específicos, buscou-se desmistificar a concepção folclorizada da variedade regional, bem como discutir as diversas formas de manifestação da variedade regional vinculada ao contexto histórico, social e cultural em que o falante está inserido e propor uma Sequência Didática como instrumento de estudo crítico-reflexivo sobre variedade linguística regional na sala de aula. A proposta de estudo é de caráter interdisciplinar, pois trata, além de situações reais no uso da língua, de aspectos geográficos e históricos que podem ser explorados. Quanto aos aspectos teórico- metodológicos, optou-se por trabalhar com a pesquisa bibliográfica, utilizando como aporte teórico os autores: Bagno (2007), Bakhtin (1996), Cesário e Votre (2009), Dionísio (2007), Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), Gil (2010), Labov (2008), Leite e Callou (2002) e Marcuschi (2007). Foram, ainda, base de pesquisa a BNCC e os PCNs. Como resultado da Sequência Didática proposta, espera-se que os alunos compreendam que o que leva à ocorrência de variações no uso real da língua são os aspectos históricos, sociais e culturais em que os falantes estão inseridos, desmistificando o entendimento de que a língua e/ou a variedade regional se apresenta de forma homogênea.

**PALAVRAS-CHAVE:** variedade linguística regional; uso real da língua; estudo crítico-reflexivo; sequência didática.

## **ABSTRACT**

The present article, entitled *Linguistic Variation in the Classroom: From the Playful Intention to the Real Use of Language*, aims to propose a critical-reflective study on regional linguistic variety through a proposal for a Didactic Sequence that addresses language in real use. And, as specific objectives, we sought to demystify the folklore conception of regional variety, as well as discuss the various forms of manifestation of regional variety linked to the historical, social and cultural context in which the speaker is inserted and propose a Didactic Sequence as an instrument of critical-reflective study of regional linguistic variety in the classroom. The study proposal is of an interdisciplinary nature, as it deals, in addition to real situations in the use of language, of geographic and historical aspects that can be explored. As for the theoretical-methodological aspects, we chose to work with bibliographical research, using as theoretical support the authors: Bagno (2007), Bakhtin (1996), Cesario and Votre (2009), Dionísio (2007), Dolz, Noverraz and Schneuwly (2004), Gil (2010), Labov (2008), Leite and Callou (2002) and Marcuschi (2007). The BNCC and the PCNs were also the basis for research. As a result of the proposed Didactic Sequence, it is expected that students understand that what leads to variations in the actual use of language are the historical, social and cultural aspects in which the speakers are inserted, demystifying the understanding that the language and /or the regional variety presents itself in a homogeneous way.

**KEYWORDS:** regional linguistic variety; actual use of language; critical-reflective study; following teaching.

## Introdução

A variação linguística é objeto de estudo na esfera científica, mais especificamente no âmbito da Sociolinguística, base teórica deste artigo, da Dialetologia e da Linguística Histórica. Resultados desses estudos são transpostos para a esfera de divulgação científica, para documentos oficiais que orientam e/ou normatizam o ensino de língua portuguesa, e aportam, finalmente, no contexto escolar, introduzidos por livros didáticos, planos de ensino, dentre outros documentos que auxiliam o professor no planejamento de atividades de ensino.

Percebe-se, entretanto, que, embora a variação linguística seja discutida nas esferas citadas, em sala de aula ainda há uma tímida introdução das discussões sobre esse assunto. No que diz respeito especificamente à variedade regional, foco deste estudo, o que se percebe de forma mais nítida é a apresentação dessa variedade linguística de forma folclorizada, anedótica, sem que se considere o uso real da língua. Um exemplo de abordagem equivocada sobre a variedade linguística regional é o uso das histórias em quadrinhos com o personagem Chico Bento, cuja fala parece representar de forma geral o falar regional no Brasil. A percepção dessa abordagem equivocada sobre variedade linguística regional principalmente em livros didáticos motivou-nos a propor um estudo crítico-reflexivo sobre variedade linguística regional por meio de sequência didática (SD) para uma turma de 9º da Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Diante do exposto é oportuno destacar que a redução do conceito de variedade linguística regional à caracterização da fala de Chico Bento pode gerar a suposição de que a sua fala é a representação fiel da variedade regional que se manifesta em qualquer região do Brasil ou em comunidades de uma mesma região. Desmistificar, portanto, a fala de Chico Bento como exemplo da variedade regional de modo geral, e compará-la com o uso real da língua no contexto em que estão inseridos alunos/falantes dessa variedade, possibilitará ao aluno a compreensão de que a variedade regional está vinculada ao contexto histórico, social e cultural em que o falante está inserido.

Partindo do entendimento de que o Brasil é um país de grande diversidade, é sabido que nas diversas regiões brasileiras são apresentadas formas múltiplas de se falar a língua portuguesa, pois cada região apresenta suas particularidades de acordo com suas características históricas, sociais e culturais. Segundo Labov (2008) essa diversidade pode ser entendida como variações e/ou variedades.

Nas palavras de Leite e Callou (2002) não existe variante linguística boa ou má, nem que alguma língua seja rica ou pobre, e ainda que nenhum dialeto deve ser visto como superior

ou inferior a outro e que, na verdade, o que existe são variações que explicitam, por meio da fala, características próprias, como faixa etária, grupo sociocultural e a região a qual o indivíduo ou grupo pertence. Assim, é perceptível que, no que diz respeito à variedade regional, foco deste estudo, o que há são particularidades nas mais distintas regiões do nosso país.

Este trabalho tem, pois, como objetivo geral propor um estudo crítico-reflexivo sobre variedade linguística regional por meio de uma proposta de Sequência Didática (SD) que aborde a língua em uso real. E, como objetivos específicos, desmistificar a concepção folclorizada de variedade regional, discutir as diversas formas de manifestação da variedade linguística regional vinculada ao contexto histórico, social e cultural em que o falante está inserido e propor a SD como instrumento de estudo crítico-reflexivo sobre variedade linguística regional.

O estudo proposto é de caráter interdisciplinar, uma vez que, além do estudo de manifestações reais do uso da língua também é possível abordar questões geográficas e históricas. Optou-se, ainda, por realizar pesquisa de cunho bibliográfico para que sejam abordadas concepções teórico-metodológicas propostas e discutidas em textos de divulgação científica. Segundo o pensamento de Gil (2010, p29-31) “a pesquisa bibliográfica é elaborada com base em material já publicado”, desse modo é necessário destacar que o trabalho se desenvolveu a partir do estudo de materiais já elaborados, como livros impressos, dissertações e artigos já publicados e de fontes confiáveis.

A sequência didática proposta foi planejada para ser aplicada em seis aulas em uma turma do 9º ano da EJA (Educação de Jovens e Adultos), na Escola Estadual de Ensino Fundamental Joaquim Nabuco, localizada em Bonito de Santa Fé, Paraíba. Na turma do 9º ano da EJA estão matriculados aproximadamente 32 alunos, dos quais grande maioria mora na zona urbana e uma minoria reside na zona rural. Essa junção de alunos residentes na zona urbana e na zona rural favorecerá a reflexão acerca da variação linguística, especificamente a variedade regional, no que trata também ao respeito e à valorização desse uso linguístico.

Faz-se necessário explicitar que na proposta inicial deste estudo a SD seria aplicada com os alunos e, posteriormente, seria realizada análise dos resultados obtidos para que se comprovasse, ou não, o êxito da proposta. A aplicação da SD, entretanto, não foi realizada porque verificou-se que não havia frequência regular dos alunos, os quais estão assistindo aulas online, caracterizadas como ensino remoto, por conta da pandemia provocada pelo novo coronavírus. A frequência irregular dos alunos às aulas comprometeria o estudo no sentido de não haver a continuidade necessária à aplicação da SD. Optou-se, então, por apresentar a proposta neste estudo e executá-la em um momento de retorno às aulas presenciais, sendo os resultados obtidos discutidos e publicados posteriormente.

Como aporte teórico, pautamos nossos estudos nas contribuições de Bagno (2007), Bakhtin (1997), Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), Labov (2008), Leite e Callou (2002), Marcuschi (2000), Oliveira (2014) e também em documentos oficiais que orientam o ensino, como os PCNs e a BNCC.

Optamos por dividir este estudo em cinco seções. Na primeira, apresentamos a variação linguística como objeto de estudo na esfera científica, abordando também sobre os tipos de variação linguística, destacando a variedade linguística regional, já que esta é o foco do trabalho. Na segunda seção optou-se por abordar a variação linguística como objeto de ensino de língua portuguesa embasado em documentos normativos, a exemplo dos PCNs e da BNCC. Na terceira seção será apresentado de forma breve o gênero textual História em Quadrinhos, e discutido como ele é utilizado como suporte para o estudo das variações linguísticas regionais. Serão apresentadas informações sobre a produção das HQs do personagem Chico Bento, destacando o objetivo de sua criação e demonstrando a razão pela qual passaram a ser fonte para exemplos de variações linguísticas. Na quarta seção será apresentada a teorização sobre Sequência Didática, segundo os pensamentos de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), e também será apresentada uma proposta de Sequência Didática que vise estudar de forma crítico-reflexiva a variedade linguística regional, na quinta seção.

## **1. Variação Linguística: objeto de estudo na esfera científica**

A Sociolinguística, é tida como uma área da linguística, foca seus estudos na língua falada, observando-a e analisando-a em seu uso real, levando em consideração seus aspectos históricos, sociais e culturais. Em seu ramo Variacionista, também conhecida como Sociolinguística Variacionista, Sociolinguística Laboviana, Sociolinguística Quantitativa ou Teoria da Variação, prioriza em seus estudos “os fatores sociais, culturais e psíquicos que interagem com a linguagem” (CEZARIO & VOTRE, 2009, p. 146-147).

Os estudos de base sociolinguística investigam a relação existente entre a língua e a sociedade, tendo como foco a diversidade e a variabilidade da língua, sempre levando em consideração a existência dos diversos aspectos para a ocorrência da variação e da mudança linguística. As investigações nessa área de estudos acontecem em situações reais de uso da fala, buscando entender quais são os fatores que favorecem e/ou que inibem a variação e a mudança linguística. A Sociolinguística tem como fundador e representante o linguista Willian Labov, que além de considerar que se deve sempre levar em consideração a relação entre língua e

sociedade, ele enfatiza a importância de dar atenção às semelhanças que ocorrem entre indivíduos de uma mesma sociedade.

A organização e funcionamento da língua é de grande complexidade, visto que ela é um sistema heterogêneo e que, por isso, reflete a vasta diversidade da língua na sociedade e, conseqüentemente, as suas variações.

De acordo com o pensamento de Labov (2008), é interessante destacar que a fala é um processo natural existente na comunidade linguística e que ela antecede qualquer processo de educação formal, pois a fala passa por etapas e de acordo com a evolução de cada uma delas, as mudanças e adequações vão surgindo. Essas etapas vão desde a infância quando o contato que existe é do falante com a família, seguindo de um contato com amigos e posteriormente com a escola. Assim, o processo comunicativo ocorre de acordo com o contexto no qual o falante está inserido e com as situações comunicativas, como também de acordo com a região em que o falante vive.

Quando falamos em região na qual o falante reside, há, muitas vezes, a ocorrência do que Bagno (1999) chama de Preconceito Linguístico, e este, por sua vez, é a realização de um julgamento em relação às variações linguísticas existentes, em especial àquelas nas quais os falantes de menor poder aquisitivo ou prestígio social estão inseridos. Bagno (2011) afirma que o preconceito linguístico é resultado da existência de alguns mitos que cercam a língua, como a questão da homogeneidade da língua e o que alguns estados do Brasil falam de forma mais correta. Ele enfatiza, ainda, que o preconceito linguístico ocorre de maneira ignorante e até silenciosa, em algumas vezes, na qual dada pessoa não gosta ou não entende a forma que o outro falante fala e acaba por disseminar a ideia de que aquela forma está “errada”. Porém, essas crenças devem ser desmistificadas, uma vez que a heterogeneidade da língua deve ser entendida e a fala de cada indivíduo ocorre de acordo com as características próprias do falante e/ou região em que vive e que assim não pode se atribuir a nenhuma manifestação da fala como um “erro”.

### **1.1 Variação Linguística – A língua em movimento**

A língua não deve ser vista como uniforme. Ela é heterogênea e está em constante transformação, conforme os avanços e mudanças pelas quais a sociedade passa. Logo, entende-se que não há língua sem mudanças e variações e que, dependendo da situação comunicativa, a língua ocorre de modos variados. Ela é instável e sempre está em processo de construção e reconstrução, sendo considerada pelos sociolinguistas uma atividade social da qual todos os indivíduos participam. Desse modo, corroboramos com o pensamento de Luiz Antônio

Marcuschi e Angela Paiva Dionisio (2007, p. 14) os quais acreditam que “a língua é um dos bens sociais mais preciosos e mais valorizados por todos os seres humanos em qualquer época, povo e cultura”. Assim, os autores acreditam que toda forma de existência e manifestação da língua deve ser levada em consideração.

A variação linguística ocorre em virtude de diversos fatores, sejam eles de gênero (homens e mulheres fazem uso dos recursos linguísticos de formas diferentes), grupos etários (na qual há uma diferença na comparação da fala dos jovens em relação a dos seus pais e avós), grau de escolaridade (o acesso à educação formal em maior ou menor tempo contribui para o uso linguísticos dos educandos), status socioeconômico (pessoas com maior poder aquisitivo não utilizam os mesmos recursos linguísticos que as pessoas de classes mais baixas socioeconomicamente) e mercado de trabalho (há diferenças entre os ofícios e profissões, pois um falante de uma profissão mais elevada na sociedade como um médico não fala do mesmo modo que um trabalhador de ofício menos remunerado como um encanador), a esses fatores, os sociolinguistas dão o nome de “fatores extralinguísticos”.

Quando se fala em variação linguística faz-se necessário mencionar os tipos existentes. Existem as variações sociais ou diastráticas, que são as variantes que ocorrem de um grupo para outro em função da classe social dos falantes da língua; a variação estilística ou diafásica que se refere às adaptações ao modo como a língua está sendo falada, em que os falantes se adequam ao contexto comunicativo em que estão inseridos, ou seja, pode ocorrer de um mesmo falante ter formas distintas de utilizar as palavras conforme as situações comunicativas e os contextos. Existem ainda as variações históricas que também são chamadas de diacrônicas, que se refere às variações que ocorrem ao longo do tempo e que muitas vezes estão associadas às expressões que caem em desuso ou que podem adequar-se ou até mesmo desaparecerem, essa variação está intimamente ligada aos avanços tecnológicos e, por fim, a variação regional ou diatópica, que é a que se verifica na comparação às maneiras de falar em regiões diferentes, como a urbana e a rural por exemplo.

A variação linguística não é um fator que veio para ‘contaminar’ a língua tida como “certa”, mas sim um fator de grande importância para se entender a diversidade existente nas diversas formas de manifestação da língua. Bagno (2007, p. 48) afirma que “toda variedade linguística é também o resultado de um processo histórico próprio, com suas vicissitudes e peripécias particulares”. O autor defende, ainda, que toda e qualquer variação linguística deve ser respeitada.

Para entender a importância da variedade linguística existente no nosso país, Bagno menciona que a nossa língua “apresenta um alto grau de diversidade e de variabilidade”

(BAGNO, 2007, p. 16). Com isso, entendemos que o autor reconhece a variação linguística brasileira, e conseqüentemente a variedade regional, como um fator importante no uso da linguagem.

A variedade linguística regional, objeto de estudo deste trabalho, será discutido no subtópico a seguir.

## **1.2 Variação linguística regional**

Quando falamos em variedade regional, imediatamente nos vem à lembrança o termo “região” e, como sabemos, regiões existem muitas e cada uma com suas características próprias. Com isso, podemos dizer que a variedade regional se refere às diferenças de fala em localidades distintas, assim a variação da língua muda de um país para outro, de um estado para outro, de uma cidade para outra e também entre zonas diferentes como a zona rural e a zona urbana.

A variedade linguística regional está intimamente ligada ao fato de que palavras diferentes são usadas para fazer a mesma representação de significado. Nessas palavras diversificadas entram também questões de modos de falar (som e sotaque). Cada modo é representativo das características de cada região, como cultura, hábitos e tradições, portanto, por meio da fala é possível observar aspectos da comunidade do falante.

No Brasil, por exemplo, há uma grande quantidade de variedades linguísticas de acordo com cada localidade do país, ocasionando a existência de diferenças entre as regiões e a forma de falar de seus falantes, pois, o local onde o falante vive possui sua cultura, seus hábitos e tradições próprias e isso os torna diferentes uns dos outros e com sua identidade própria. Levando em consideração essas particularidades presentes em cada região, pode-se dizer que estão contidas nas variedades regionais diferentes palavras para se referir ao mesmo objeto, a exemplo das palavras aipim para se referir também a macaxeira, mandioca, a palavra jerimum, que também é dita como abóbora, igualmente como o picolé que também pode ser conhecido como sacolé ou dindim. Essas variações ocorrem de acordo com cada região/localidade em que o falante está inserido.

Observa-se, entretanto, que ocorre com frequência o desprestígio de algumas variações linguísticas, como por exemplo da variedade regional. Muitas das vezes algumas variedades são excluídas e injustiçadas por outras, a exemplo das variedades faladas pelas pessoas das camadas média ou alta da sociedade as quais são vistas como “certas”, enquanto que as faladas pelas camadas mais desprestigiadas, a exemplo dos falantes do interior e da zona rural, são tidas como falas “erradas”.

Dessa forma, o que se busca é que, enquanto prática social, não exista pré-julgamentos, acerca de escritas e falas melhores e nem piores que outras. O que deve existir são adequações às situações de contextos com as quais nos deparamos no nosso dia a dia e que precisamos ajustá-las e que qualquer falante pode utilizar-se de sua variedade linguística para expressa-se sem que seja discriminado.

## **2. Variação Linguística: objeto de ensino de Língua Portuguesa**

O ensino de variação linguística na sala de aula, principalmente nas aulas de Língua Portuguesa, é um assunto abordado, embora de forma ainda tímida, nos documentos oficiais, a exemplo da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs). Os PCNs, por exemplo, ao se referir à variação linguística, destaca que “Ela sempre existiu e sempre existirá, independentemente de qualquer ação normativa” (BRASIL,1998, p.29). Assim, percebe-se que a variação linguística não é algo que surgiu na atualidade, mas sim algo que estará presente em qualquer época, porém deve ser levado em consideração como a abordagem da variação linguística regional deve ser ensinada e como ela realmente é ensinada nas aulas de Língua Portuguesa.

Segundo OLIVEIRA (2014, p.37) as instituições de ensino devem “promover oportunidades ao educando para ampliar e aprofundar seus conhecimentos acerca da VL”. Com base no pensamento da autora, entende-se que a escola, e também os professores em sala de aula, devem ter como uma das suas atribuições a de possibilitar oportunidades aos seus discentes sobre o acesso a uma vasta diversidade de conteúdos e conhecimentos acerca de assuntos diversificados, dentre eles está também a abordagem da variação linguística dentro do âmbito educacional. Pois, segundo os PCNs (BRASIL,1998, p. 27) a sociedade precisa de um ensino de qualidade que proponha práticas educativas que se adequem às necessidades da sociedade brasileira em relação aos aspectos sociais, políticos, econômicos e também culturais, possibilitando assim, que o aluno enfrente o mundo no qual vivemos de forma ativa, sendo um cidadão participativo, reflexivo, crítico e com autonomia, sendo conhecedor, também, de seus direitos e deveres enquanto cidadão. Portanto, observa-se que o documento citado orienta sobre a importância de possibilitar aos discentes esse contato com uma quantidade significativa de conteúdos e temáticas, dentre eles a da variação linguística, pois isso possibilitará ao educando a aquisição e ampliação de conhecimento.

Ainda com base nesse documento normativo e no que diz respeito especificamente ao ensino de variação linguística, os PCNs Língua Portuguesa mencionam que:

[...] o aluno, ao aprender novas formas linguísticas, particularmente a escrita e o padrão de oralidade mais formal orientado pela tradição gramatical, entenda que todas as variedades linguísticas são legítimas e próprias da história e da cultura humana. Para isso, o estudo da variação cumpre papel fundamental na formação da consciência linguística e no desenvolvimento da competência discursiva do aluno, devendo estar sistematicamente presente nas atividades de Língua Portuguesa. (BRASIL, 1998: 82)

É notória a orientação nesse documento oficial para que a variação linguística seja estudada na sala de aula, principalmente nas aulas de Língua Portuguesa, embora percebamos que há um certo distanciamento entre o que se orienta e o que realmente se estuda sobre o assunto em questão, principalmente quando esse assunto é abordado sem que seja levado em consideração os aspectos sociais e culturais dos indivíduos/falantes.

Ainda sobre os documentos normativos que veem a variação linguística, como objeto de ensino da Língua Portuguesa, podemos mencionar e transcrever um destaque, adaptado, da BNCC (2017) que trata especificamente do Ensino Fundamental II, do 6º ao 9º ano.

Quadro 1: Língua Portuguesa – 6º ao 9º ano na BNCC

<b>PRÁTICAS DE LINGUAGEM</b>	<b>OBJETOS DE CONHECIMENTO</b>	<b>HABILIDADES</b>
<b>TODOS OS CAMPOS DE ATUAÇÃO</b>		
Análise linguística/ semiótica	Variação Linguística	(EF69LP55) Reconhecer as variedades da língua falada, o conceito de norma padrão e o de preconceito linguístico. (EF69LP56) Fazer uso consciente e reflexivo de regras e normas da norma-padrão em situações de fala e escrita nas quais ela deve ser usada.

Fonte: Adaptado de Brasil, 2017, p. 160- 161. (SANTOS e MELO, p. 129).

Nesse destaque da BNCC, é perceptível que o documento enfatiza que os alunos devem ser orientados muito além dos conceitos de norma padrão, sendo necessário, também, o estudo sobre as adequações dos usos linguísticos, dando importância à língua falada, fazendo assim com que os alunos reflitam sobre os usos da língua e também sobre a questão do preconceito linguístico.

### 3. O estudo de variedade linguística regional e o gênero textual História em Quadrinhos

Os gêneros textuais fazem parte das nossas vidas, tanto no cotidiano e no meio social, quanto nas vivências em sala de aula. Eles nos são apresentados por meio da linguagem e são utilizados para determinar os diversos tipos de textos existentes, sejam eles orais ou escritos, levando em consideração suas características próprias. É através da realização da observação e análise de um dado texto que é possível determinar a qual tipo de gênero textual ele pertence. De acordo com o pensamento de Bakhtin (1997), quando interagimos com outras pessoas, através da linguagem, acabamos por produzir certos textos que se transformam em gêneros textuais, servindo para atender às necessidades dos seres humanos na interação verbal. Os gêneros textuais são muitos e circulam nas mais diversas esferas, possuindo função linguística específica e elementos linguísticos definidos, assumindo, assim, um papel e uma função comunicativa.

Entende-se, pois, que os gêneros textuais são muitos e fazem parte das vivências dos seres humanos. Um exemplo de gênero textual presente na vida dos seres humanos é o gênero textual História em Quadrinhos, popularmente conhecido como HQs. É um gênero narrativo, composto por elementos como: espaço, tempo, narrador e personagens. Ele tem como público-alvo tanto infantil como adulto, possuindo finalidade de informar, ensinar, promover entretenimento, levando o leitor a uma perspectiva crítica de acordo com a mensagem que deseja transmitir.

Em sua estrutura estão presentes alguns recursos que são considerados como expressivos, a exemplo dos balões (que servem para expressar a fala e/ou o pensamento do personagem), dos quadros e das molduras ao redor da HQ, dos sinais de pontuação como as reticências, as exclamações e interrogações (as quais muitas vezes demonstram o estado de espírito em que a personagem se encontra), o uso das onomatopeias (uso de palavras para expressar sons), temos os recordatórios (painéis utilizados pelo narrador dentro dos quadrinhos), também estão presentes as linhas cinéticas que servem para indicar movimentação dos personagens e, por fim, há a presença do diálogo. As HQs geralmente são publicadas em jornais, revistas, sites, em blogs, nas redes sociais e em diversos outros meios. Esse gênero textual faz uso de dois tipos de linguagem: a verbal, por meio de imagens e textos, e a linguagem não verbal, fazendo uso apenas da imagem para transmitir a mensagem ao leitor, assim esses recursos auxiliam no processo de aprendizagem, como afirma Dionísio (2006, p.141):

(...) imagens ajudam a aprendizagem, quer seja como recurso para prender a atenção dos alunos, quer seja como portador de informação complementar ao texto verbal. Da ilustração de histórias infantis ao diagrama científico, os textos visuais, na era de avanços tecnológicos como a que vivemos, nos cercam em todos os contextos sociais.

Portanto, é perceptível que a autora considera o gênero textual HQ como uma ferramenta que auxilia na aquisição de saber, bem como destaca também a importância do uso dos elementos composicionais das HQs. Com isso, entende-se que esse gênero textual é produtivo na sala de aula e que sua relevância vai de acordo com a temática que se pretende abordar.

Por saber que esse gênero textual possui diversas finalidades e abordam temas variados, fazendo uso de elementos da linguagem verbal e não verbal que chamam a atenção do leitor, é perceptível que as HQs permitem que seus leitores entendam conceitos e temáticas de forma mais interativa e dinâmica, provocando curiosidade no entendimento da mensagem que desejam passar, mas é de suma importância que, ao se trabalhar com esse gênero textual em sala de aula, o professor leve em consideração diversos aspectos sobre o tema que pretende abordar, a exemplo da temática sobre variação regional.

Quando falamos na representação do tema variação linguística regional, por meio do gênero textual HQ, por exemplo, é notório que professores e materiais didáticos tratam as HQs de Chico Bento como exemplo da variante regional de um modo geral. Essa abordagem, entretanto, não é coerente, pois a fala do personagem não resulta em uma padronização da língua falada em todas as regiões. Não sendo considerado, assim, que cada localidade possui suas variantes, com características próprias do meio em que vivem, sejam elas culturais ou sociais. Porém, é indispensável que dentro da sala de aula seja sempre enfatizada a importância de considerar todas as variantes existentes, bem como as características da localidade a qual o indivíduo/aluno pertence.

Outro ponto que merece destaque é que quando os docentes e/ou materiais didáticos se referem à temática da variação regional utilizando a fala de Chico Bento como exemplo do falar regional de uma comunidade caipira, da zona rural, não consideram que grande parte de traços linguísticos presentes na fala do personagem, que é considerado como caipira, são na verdade traços linguísticos da língua portuguesa falados pelos mais diversos brasileiros espalhados pelo Brasil e assim se fazem presentes na vida cotidiana da população brasileira.

Portanto, diversos docentes e materiais didáticos pecam por generalizar a fala do personagem fictício, como exemplo direto de um falante “caipira” e atribuem seu modo de falar à realidade de uma comunidade rural, o que é uma inverdade, pois a maneira como a fala de

Chico Bento é apresentada não resulta em uma representação fiel do uso da fala de comunidades rurais de modo geral. E isso faz com que haja preconceito na abordagem sobre a variação linguística regional, pois a maioria das pessoas atribuem à fala de Chico Bento um exemplo de fala de pessoas que não são escolarizadas e que “falam errado”.

O personagem é uma criação fictícia e sua fala não é uma representação fiel do falar caipira e nem de pessoas do interior, meio rural ou de menor poder aquisitivo. O que se pode entender é que a fala do personagem é uma fala artística, utilizá-la como material pedagógico para trabalhá-la como uma representatividade da variação regional de forma uniforme, incorre em uma inadequação, como diz Bagno (2003):

O problema, repito, não está nas opções feitas por Maurício de Sousa e sua equipe no momento de representar a fala dos simpáticos personagens do meio rural paulista (...) O problema é querer transformar essas revistinhas em material pedagógico para a abordagem da variação linguística. O desenhista não tem nenhuma obrigação de representar fielmente a fala de seus personagens, até porque uma representação cem por cento fiel só poderia ser feita por meio de transcrições fonéticas detalhadas, o que simplesmente tornaria as revistas ilegíveis! (BAGNO, 2013, p. 85).

Desse modo, é possível verificar que Bagno (2013), destaca a importância de não utilizar a fala de Chico Bento como uma representação uniforme e fiel da variação regional, destacando que deve ser entendido que a representação feita por Mauricio de Sousa é uma criação fictícia de personagens do meio rural, de caráter lúdico e que não deve ser utilizado como exemplo representativo do uso real da fala.

### **3.1 A produção das HQs de Chico Bento**

As HQs de Chico Bento foram criadas pelo autor Maurício de Sousa no ano de 1961. O autor tinha em mente criar um personagem que lembrasse seu tio avô. Esse personagem é marcado por diversas características tanto exteriores como interiores, em que ao mesmo tempo que é um moço preguiçoso é também uma pessoa sem maldade, atrapalhado e que se preocupa com a natureza, avoadado e inocente, uma pessoa divertida e bem humorada. Ele também apresenta traços de características físicas que o caracterizam como uma pessoa que vive em uma localidade rural, como por exemplo, seu gosto pelo chapéu de palha, de roupas xadrez, de tocar viola, pescar, nadar no rio, gostar da roça, dormir em rede e brincar com os amigos ao ar livre. Essas são características exteriores do personagem e que foram criadas por Mauricio de

Sousa com a finalidade de serem utilizadas para entreter o público por meio da ludicidade. Elas representam a essência do personagem fictício.

Outro aspecto que merece destaque em Chico Bento é a linguagem utilizada por ele, na qual o autor buscou fazer uma representação de uma história e personagem que ele mesmo idealizou e que por isso não tem a obrigação de ser fiel às características da realidade.

O que se constata, no entanto, é que ao longo dos anos as histórias em quadrinhos de Chico Bento foram ganhando novas formas e ocupando um grande espaço da sociedade. Um desses espaços é a sala de aula onde as HQs de Chico Bento são utilizadas como ferramenta pedagógica, principalmente por se tratar de um gênero que mescla a linguagem verbal e não verbal, apresenta imagens coloridas e também histórias bem humoradas que tratam de temáticas que representam realidades do cotidiano, como por exemplo sobre questões de preservação da natureza. Essas HQs também possuem um caráter humorístico e lúdico.

Quando mencionamos as diversas temáticas de que as HQs de Chico Bento tratam, podemos mencionar pontos que merecem destaque quanto à questão da representação da variedade linguística regional por meio da linguagem utilizada pelo personagem em questão. Essa linguagem é tratada, em sala de aula, como uma representação da fala de determinada comunidade de falantes, que são os falantes do campo – zona rural ou do interior - de um modo generalizado e como se fosse uma representação fiel da linguagem utilizada pelos indivíduos dessas localidades. Há, também, uma comparação entre a fala dos falantes da zona rural, representado por Chico Bento, e como os falantes da cidade grande falam, representada pelo primo Zeca, por exemplo.

Alguns materiais didáticos e/ou atividades realizadas em sala de aula solicitam, ainda, que os alunos “passem” a voz de Chico Bento para a norma culta, ficando subtendido que a fala do personagem representa um uso real da língua e que é “errada” a forma como fala. É, pois, necessário salientar que é um equívoco utilizar o modo de falar de Chico Bento atribuído ao uso real da língua pelas comunidades rurais e/ou do interior, pois a forma real como esses indivíduos falam acontece de acordo com características vinculadas ao contexto histórico, social e cultural em que o falante está inserido.

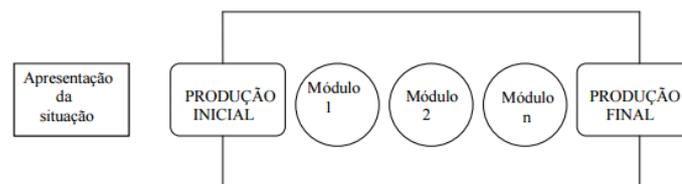
Assim, a fala do personagem em questão não é adequada para o trabalho sobre variedade linguística regional, se for considerada representação geral dessa variedade e se for representada de forma folclorizada e anedótica, sem que o uso real da língua seja levado em consideração.

#### **4. Sequência Didática segundo Dolz, Noverraz e Schneuwly**

A sequência didática, também chamada de SD, é um guia que o professor utiliza para organizar as atividades que serão propostas em sala de aula, em outras palavras, pode ser considerada como suporte no direcionamento de cada aula e de cada atividade realizada ao longo delas. Segundo o pensamento de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), a SD “procura favorecer a mudança e a promoção dos alunos ao domínio dos gêneros e das situações de comunicação” (2004, p. 97). Em suma, os autores afirmam que a SD é agrupamento de atividades escolares organizadas e de forma sistemática, que estão ligadas entre si e que planejam em sua composição, etapa por etapa, fazendo uso de gêneros orais e/ou escritos.

Para exemplificar melhor, os autores propõem um modelo de SD, na qual buscam possibilitar um maior entendimento das etapas a serem propostas nas aulas. A esquematização segue o seguinte modelo:

Figura 1: Esquema da sequência didática



Fonte: Dolz, J., Noverraz, N. E Schneuwly, B. (2004:98)

A esquematização acima mostra etapas que os autores consideram adequadas para serem seguidas, com o intuito de planejar as aulas de forma mais organizada. Ela está dividida, em apresentação da situação, que se pauta em apresentar o projeto que motive os alunos para entrarem em comunicação com os demais alunos, produção inicial, o professor avalia as capacidades iniciais dos alunos e poderá seguir para os módulos. Estes por sua vez, os módulos, são tidos como uma espécie de obstáculos que seguem uma ordem que facilita a aprendizagem do aluno e o ensinamento do professor na condução das aulas. Por fim, é apresentada a última parte da SD, a produção final, etapa em que o texto é revisado e o professor verifica o progresso dos alunos e se eles melhoraram suas perspectivas iniciais.

Utilizaremos como base o modelo de Sequência Didática elaborado por Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), a fim de apresentar uma proposta de sequência didática para se trabalhar em uma turma do 9º ano da EJA a temática da variação linguística regional utilizando como ponto de reflexão uma história em quadrinhos do personagem Chico Bento como uma não representação do uso real da fala do personagem à fala dos falantes de regiões do meio rural.

É imprescindível reiterar que a sequência didática não foi aplicada em virtude de dificuldades encontradas neste período no modelo de ensino (remoto) que foi adotado pelas

instituições de ensino devido à pandemia causada pelo novo coronavírus. Uma dessas dificuldades foi a participação irregular dos alunos nas aulas, o que comprometeria a aplicação da SD e a análise da eficácia, ou não, da SD proposta.

## 5. Proposta de Sequência Didática

A proposta de Sequência Didática, como dito anteriormente, foi pensada para uma turma de 9º ano da EJA (Educação de Jovens e Adultos). A proposta foi planejada com o objetivo de promover um estudo crítico-reflexivo sobre a variedade linguística regional. Como texto base para estudo da variedade, optamos por trabalhar com a HQ de Chico Bento, não como exemplo de variedade linguística regional, mas para reflexão sobre o uso da língua em situação de uso real e em situação que objetiva entreter o leitor. É necessário desmistificar a concepção de que a fala de Chico Bento representa o modelo do falar regional no país e construir com o aluno o conhecimento de que a variedade linguística regional é produzida/usada em contextos sociais e culturais em que o falante está incluído e que essa variedade representa a identidade desse falante.

A proposta de Sequência Didática se baseia no modelo desenvolvido por Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004). Segue a proposta.

<b>Apresentação da situação</b>		
<b>Objetivos</b>	<b>Atividades</b>	<b>Resultados esperados</b>
- Refletir sobre a variedade regional como representação da cultura do falante e suscitar discussão sobre o preconceito linguístico.	Nessa etapa, o professor solicitará que os alunos fiquem num formato de círculo, dentro da sala de aula, e irá fazer a apresentação do mapa do Brasil, por meio de um data show. A apresentação do mapa será realizada fazendo uso de duas imagens, na primeira será apresentado o mapa somente com a divisão das cinco regiões, para ficar mais fácil de eles entenderem em qual região se encontram ou, se possivelmente, já estiveram em alguma delas, ou ainda, se conhecem alguém que vive em alguma das cinco regiões brasileiras e se	É esperado que os alunos consigam entender que a língua é um fenômeno variável e que se manifesta de forma distinta nas mais diversas regiões do país e que todas as formas de manifestação da língua devem ser respeitadas, uma vez que representa a identidade do falante e o

	<p>conhecem palavras que são ditas de forma diferente da que estão habituados. Assim, poderão discutir sobre as diversas formas que os falantes dessas regiões falam. Na segunda imagem serão destacados os diversos estados que compõem cada região, e o professor irá destacar a localidade na qual os alunos estão inseridos, que é no Estado da Paraíba situada na região Nordeste. Aqui o professor pode apresentar aos alunos algumas palavras que possuem pronúncias diferentes de acordo com cada região e que essas diferenças ocorrem também dentro dos estados que compõem uma mesma região, a exemplo de macaxeira/aipim, picolé/dindim/sacolé, abóbora/jerimum, mexerica/tangerina, entre outras. Isso permitirá que eles entendam que a língua funciona de forma heterogênea e se manifesta de formas distintas. É importante destacar que apesar de alguns habitantes pertencerem a uma mesma região, estado ou cidade, a sua forma de falar irá variar de acordo com a identidade cultural dos falantes de cada região. E, por fim, é válido que o professor destaque que a existência de variações na língua de cada região é um processo contínuo e que todas as manifestações linguísticas devem ser levadas em consideração e que possuem importância, não havendo assim língua melhor ou pior, nem “certa” ou “errada” e nem “superior” ou “inferior” a outra.</p>	<p>contexto no qual está inserido.</p>
--	---	--

<b>Produção Inicial</b>		
<b>Objetivos</b>	<b>Atividades</b>	<b>Resultados esperados</b>

<p>- Permitir que os alunos compreendam as características do gênero textual HQ;</p> <p>- Possibilitar a compreensão dos alunos sobre a língua em situação real de uso, considerando o contexto sócio cultural do falante;</p> <p>- Favorecer aos alunos a compreensão fenômeno da variedade regional.</p>	<p>Nesta etapa inicial, será apresentada aos alunos uma História em Quadrinhos (HQs) de Chico Bento (Figura 1 reproduzida abaixo) por meio de slides, mostrando suas características e função, principalmente no que diz respeito a seu caráter artístico, lúdico e humorístico. Na sequência serão apresentadas as falas de Chico Bento na HQ lida e realizada uma reflexão sobre quais termos e/ou expressões representariam a variedade regional.</p> <p>Em seguida será apresentada aos alunos a temática de variação linguística regional, enfatizando as razões pelas quais elas ocorrem.</p> <p>Após a apresentação da variedade linguística regional aos alunos, será estabelecida uma comparação entre a fala de Chico Bento e exemplos de variedade regional citadas pelos alunos, considerando o uso real da língua.</p> <p>Esses exemplos serão citados pelos alunos na interação com o professor.</p>	<p>Espera-se que os alunos consigam compreender a composição do gênero textual HQ, bem como assimilar a concepção de variedade linguística regional e entender que as falas nas HQs de Chico Bento não são representativas da variedade regional de forma uniformizada. O aluno, nessa proposta, deverá entender o uso da língua em situações reais de uso.</p>
--	--	---

Figura 2: Passeio no Shopping



Fonte:

<https://encrypted->

[tbn0.gstatic.com/images?q=tbn:ANd9GcRj2EwcR0wz8G0q\\_VfC1n9hepLe3LhLc0wWNQ&usqp=CAU](https://encrypted-tbn0.gstatic.com/images?q=tbn:ANd9GcRj2EwcR0wz8G0q_VfC1n9hepLe3LhLc0wWNQ&usqp=CAU)

<b>Modulo I</b>		
<b>Objetivos</b>	<b>Atividades</b>	<b>Resultados esperados</b>
<p>- Promover a interação entre os alunos e pessoas que vivem na zona rural e urbana por meio de uma gravação de relatos;</p> <p>- Incentivar a pesquisa e a análise sobre os usos da língua em situações reais de uso.</p>	<p>Inicialmente haverá uma breve leitura coletiva da HQ de Chico Bento (Figura 1), apresentada na etapa anterior, por meio de uma apresentação no data show, focando na questão da variação regional. E posteriormente, os alunos irão realizar uma leitura individual, na qual os alunos conseguirão entender melhor sobre a variação linguística regional e também poderá servir de guia para a realização da etapa que será apresentada posteriormente, na qual a professora irá entregar copias xerografadas da HQ proposta, em que a mesma retrata um passeio no shopping realizado por Chico Bento e seu primo Zeca.</p> <p>Será proposto que os alunos façam uma pesquisa sobre variação linguística regional em situações reais de uso. A pesquisa se inicia com a gravação de um relato de moradores da cidade e da zona rural sobre hábitos e costumes: O que costumam festejar? Que comidas costumam consumir? Que músicas costumam ouvir? Se tocam instrumentos, e quais são? Quais as atividades gostam de fazer no tempo livre? Quais lugares gostam de frequentar?</p> <p>Essa pesquisa pode ser feita com pessoas da família e/ou amigos que morem na zona urbana ou rural.</p> <p>Essa atividade fará com que os alunos percebam o uso da língua de acordo com a realidade de cada falante participante da</p>	<p>Espera-se que os alunos consigam entender as especificidades da língua dos falantes de ambas as regiões (rural e urbana), sendo possível que eles analisem as características que se manifestam em ambas as regiões, através dos relatos das pessoas pesquisadas. E assim, é esperado que eles percebam que o modo de falar das pessoas das duas regiões tanto podem mudar a pronúncia, como também uma mesma palavra ou expressão pode ser encontrada em ambas as localidades e que também se apresentam no cotidiano de fala dos mais diversos falantes.</p>

	<p>pesquisa e constatem pronúncias, sotaques e o uso de termos e/ou expressões que caracterizam a variedade regional.</p> <p>Para finalizar essa parte da atividade, os alunos devem ouvir os relatos e selecionar e/ou listar termos e/ou expressões que caracterizem o modo regional de falar, na qual será questionado aos alunos se as palavras e/ou termos selecionados caracterizam a variação regional ou se são formas de uso cotidiano da língua.</p>	
--	--	--

<b>Modulo II</b>		
<b>Objetivos</b>	<b>Atividades</b>	<b>Resultados esperados</b>
<p>Promover a reflexão dos alunos sobre o uso real da língua, levando-os a identificar a variedade regional inserida no contexto social e cultural do falante.</p>	<p>Levando em consideração o fato de que na etapa anterior os alunos realizaram uma pesquisa, o professor irá solicitar que os alunos relatem:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Como foi a realização de suas pesquisas;</li> <li>• Que aspectos lhes chamaram mais atenção, em relação à pesquisa realizada;</li> <li>• As diferenças de pronúncia e/ou vocabulário percebidas na fala dos entrevistados que poderiam ser caracterizadas como variedade regional.</li> </ul> <p>Nessa etapa o professor pode utilizar o quadro ou um painel para registrar os relatos e sugestões dos alunos.</p> <p>Concluída a participação dos alunos, o professor explicará quais sugestões são características da variedade regional, enfatizando o que a caracteriza.</p>	<p>Essa atividade possibilitará aos alunos uma aproximação maior entre os relatos que eles gravaram e a temática da variação linguística. Como também facilitará que eles compreendam os fatores que ocasionam o surgimento e o uso das variedades regionais.</p>

<b>Produção Final</b>		
<b>Objetivos</b>	<b>Atividades</b>	<b>Resultados esperados</b>
<p>- Possibilitar aos alunos que relembrem tudo o que viram sobre a temática da variedade regional, bem como possibilitar que eles compartilhem os conhecimentos adquiridos ao longo das aulas.</p>	<p>Esta etapa será centrada na construção de um glossário, de forma coletiva. Os alunos irão selecionar as palavras e/ou expressões que identificaram como representativas da variedade regional, durante a pesquisa realizada anteriormente, e depois de selecionadas, o professor irá mediar a produção do glossário.</p> <p>Para essa construção será necessário que os alunos coloquem em um painel as palavras selecionadas. Devem registrar a palavra e/ou expressão, o sentido e uma frase que exemplifique o seu uso.</p> <p>Realizada essa construção, o professor irá fazer uma revisão do glossário construído e, juntamente com os alunos, irá expor o painel na biblioteca da escola, tanto para que os alunos como os membros da escola, de um modo geral, tenham acesso à produção do glossário. Esse material poderá servir também como de fonte de consulta sobre palavras ou expressões regionais.</p>	<p>Na etapa final da sequência didática é esperado que os alunos já tenham adquirido conhecimento suficiente para entender que a variedade regional está presente em todas as localidades do nosso país e que ocorrem mudanças de acordo com o contexto social e cultural no qual o falante está inserido.</p>

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do presente trabalho nos propusemos a discutir a temática da variação linguística na esfera científica e na esfera de divulgação científica, abordando de forma mais específica a variedade regional.

Como abordagem prática da discussão sobre a temática, apresentamos uma proposta de Sequência Didática para uma turma do 9º ano da EJA, mas, devido a dificuldades encontradas, a proposta não foi aplicada. A frequência irregular dos 32 alunos nas aulas remotas não favoreceria um resultado fiel sobre a SD proposta, já que não haveria, para a maioria dos alunos, o acompanhamento contínuo das atividades e/ou das discussões acerca do tema. A SD será, então, aplicada quando do retorno ao ensino presencial e os resultados obtidos serão discutidos e/ou publicados em trabalhos a serem realizados posteriormente.

Embora ainda não tenhamos resultados concretos acerca da eficiência ou não da SD proposta, é importante ressaltar a necessidade do estudo da variedade linguística regional sem que seja apresentada de forma folclorizada, anedótica, considerada uma forma “errada” de falar ou concebida como a representação de uma fala caipira que provoca o riso. Possibilitar ao aluno a reflexão sobre o uso da língua em situações reais, considerando o contexto sócio-histórico-cultural do falante certamente o levará a adquirir a competência linguística necessária para se comunicar em situações diversas e a respeitar a diversidade linguística característica da língua portuguesa em particular.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAGNO, Marcos. Gramática pedagógica do português brasileiro. São Paulo: Parábola, 2011.
- BAGNO, Marcos. Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2007. v. 1. 240p.
- BAGNO, Marcos. Não é errado falar assim! Em defesa do português brasileiro. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- BAGNO, Marcos. Pesquisa na escola: o que é, como se faz. 2a ed., São Paulo, Loyola, 1999.
- BAGNO, Marcos. Preconceito Linguístico. O que é, como se faz. 49. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2007.
- BAGNO, Marcos. Sete erros aos quatro ventos: a variação linguística no ensino de português. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2013. v. 1. 192p.
- BAKHTIN, Mikhail. Estética da criação verbal. Os gêneros do discurso. 2º ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BRASIL. Base nacional comum curricular (BNCC). Educação é a base. Brasília MEC/CONSED/UNDIME, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/02/bncc-20dezsitesite.pdf> Acesso em: 02 Agosto de 2021.
- BRASIL. Ministério da Educação. Parâmetros Curriculares Nacionais: Introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais. Brasília, DF, 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf>. Acesso em 03 de Agosto de 2021.
- CEZARIO, Maria Maura & VOTRE, Sebastião. Sociolinguística. In: Manual de Linguística. MARTELOTTA, Mário Eduardo (Org.). São Paulo: Editora Contexto, 2009. Disponível em: [https://ava2021.ead.ifpb.edu.br/pluginfile.php/14681/mod\\_folder/content/0/SOCIOLINGU%C3%8DSTICA/AULA01.pdf?forcedownload=1](https://ava2021.ead.ifpb.edu.br/pluginfile.php/14681/mod_folder/content/0/SOCIOLINGU%C3%8DSTICA/AULA01.pdf?forcedownload=1). Acesso em 08 Agosto 2021.

DIONÍSIO, A. P. Multimodalidade Discursiva na Atividade Oral e Escrita. In: MARCUSCHI, L. A. e DIONÍSIO, A. P. (horas.). Fala e Escrita. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michele; SCHNEUWLY, Bernad. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. Gêneros orais e escritos na escola. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004, p. 81-108.

GIL, Antonio Carlos. Como Elaborar Projetos de Pesquisa. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 2010, p. 29-31.

LABOV, W. Padrões Sociolinguísticos. Trad: Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LEITE, Yonne; CALLOU, Dinah. Como falam os brasileiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

MARCHUSCHI, Luiz Antonio & DIONISIO, Angela Paiva. Fala e escrita. 1. ed. e 1. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. Gêneros textuais: Produção textual, análise de gêneros e compreensão. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. Disponível em: [https://dlm.fflch.usp.br/sites/dlm.fflch.usp.br/files/MARCUSCHI-Luiz-Antonio\\_\\_O-processo-de-producao-textual.pdf](https://dlm.fflch.usp.br/sites/dlm.fflch.usp.br/files/MARCUSCHI-Luiz-Antonio__O-processo-de-producao-textual.pdf) Acesso em 04 Agosto 2021.

OLIVEIRA, G.B. de. Variação linguística na sala de aula: encontros e desencontros. Niterói, 2014, p. 37. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/handle/1/10357>. Acesso em: 05 Agosto 2021.

SANTOS, Aymmé Silveira; MELO, Raniere Marques de. O ensino da variação linguística na Base Nacional Comum Curricular. Entrepalavras, Fortaleza, v. 9, n. 3, p. 115-132, setdez/2019. Disponível em: <http://www.entrepalavras.ufc.br/revista/index.php/Revista/article/view/1654/648>. Acesso em: 03 Agosto 2021.